

maio é viva

Director (interino): ANTONIO SANTOS

SEMANÁRIO

ANO II — N.º 94 — Preço 5\$00 — 4/5/78

A PRESENÇA DE ABRIL

Mais uma vez foi Abril. Espinho e toda a região em volta, a exemplo do que se verificou pelo País adiante, foram cenário de inúmeras manifestações comprovativas de que o espírito dessa data está bem vivo ainda, e procura até reforçar-se face às tentativas cada vez mais evidentes e violentas de o pôr por terra. Pode assim dizer-se que, no essencial, Abril se cumpriu mais uma vez como um momento de confiança deste povo nos caminhos que procura e que, embora com as dificuldades que se estão vendo, não-de ser percorridos até ao fim.

Aspecto relevante este ano foi a iniciativa que par-

festivas e populares. A participação das pessoas, ainda que prejudicada pelo mau tempo, foi grande, se bem que alguns manifestassem o seu desconten-

daram naquele dia o país futuro, o sinal da mudança, a alvorada de amanhã, a certeza de um povo. Por tudo isso, foi mais um passo na longa



caminhada, e as dúvidas que terão ficado não serão mais fortes do que a confiança que permanece.

ABRIL, ABRIL

CRAVOS PARA QUEM OS DEU

ALEGRIA, ALEGRIA

Uma celebração de Abril que terá certamente passado despercebida à maioria das pessoas foi a entrega, por um grupo de cidadãos, de ramos de cravos nas unidades militares aquarteladas em Espinho, o Regimento de Engenharia e o Destacamento de Cavalaria. Os oficiais de dia receberam os cravos e encarregaram-se de transmitir aos comandantes as saudações apresentadas, num sinal de que o povo não esquece quem lhe possibilitou a liberdade.

Mas Abril não foi só alegria. Para alguns foi a muita raiva de se verem mais uma vez derrotados por uma data e um povo que insistem cada vez mais em pôr em causa. Por isso, e faltando-lhe o apoio para mais, ai vão eles pela calada da noite, para o seu trabalho de sapa, a sua acção de desespero: pintar o ódio e a vingança nas paredes. Foi no liceu, foi na Câmara, foi aqui e ali, à espera de com isso marcarem a presença do anti-Abril. Mas de Abril, a alegria será mais forte.

continua na página 8

tiu de várias organizações populares para que se fizessem as comemorações que a data impunha. A nomeação de uma comissão oficial acabou por fazer justiça a essa iniciativa e o programa elaborado teve características

tamento perante um programa que ainda não lhes parecia à altura da celebração que sonhavam.

Mesmo assim, mesmo acreditando ser possível um Abril diferente, que tarda mas não desespera, foram muitos os que sau-

LICEU — QUE SE PASSA ?

Os jornais já falaram dos aspectos mais evidentes. Mas há coisas por dizer, há situações para analisar. O que se passou no liceu não foi um acto gratuito de violência fascista, como não terá sido a atitude irreflectida de alguns meninos que procuram sensações fortes. Que foi então ?

LEIA NA PÁGINA 8

A luta dos Metalúrgicos antes e agora

- depoimento de um activista sindical

António Augusto Silva não é um sindicalista da nova vaga, daqueles feitos à pressa com cursos intensivos no estrangeiro e que depois regressam com um diploma que os autoriza a falar em nome dos trabalhadores. Não é também o técnico burocrático, que «até percebe de sindicalismo» e que é capaz de gerir uma organização sindical como o melhor dos directores de empresa.

António Silva não deixa de ser um homem profundamente conhecedor do meio sindical, mas através de uma experiência continuada em defesa dos interesses da sua classe, forjada numa luta que começou nos tempos duros do fascismo e que vem prosseguindo coerentemente desde o 25 de Abril.

Actual presidente da Assembleia Geral do Sindicato dos Metalúrgicos de Aveiro, membro da Comissão de Trabalhadores da Oliva, foi um dos principais impulsionadores da luta dos metalúrgicos no distrito contra a repressão fascista, elemento activo da Comissão de Metalúrgicos que então se formou e encabeçou a lista de «oposição» para o Sindicato em 1972. Uma vida dedicada à luta dos trabalhadores e assim se poderá compreender a comoção que não conseguiu evitar quando nos falou do 25 de Abril.

PÁGINA 4

1.º DE MAIO EM OVAR

UNIDADE, LUTA E FESTA

Os trabalhadores portugueses, se dúvidas houvesse ainda, deram neste 1.º de Maio de 1978 uma resposta elucidativa aos divisionistas que pretendem pôr em causa a legitimidade da C.G.T.P.-Intersindical como a única representante dos interesses dos trabalhadores de Portugal. De norte a sul, e não só nas gigantescas manifestações de Lisboa e do Porto, o Dia do Trabalhador foi festejado sob o signo da luta e da unidade em torno da C.G.T.P., reduzindo à sua insignificância os já habituais piqueniques.

No nosso distrito foi Aveiro, Águeda, S. João da Madeira. E foi também Ovar, onde estivemos. Logo de manhã houve desporto na região e, já de tarde, os trabalhadores das zonas mais próximas (muitos de Espinho) começaram a concentrar-se no largo da Câmara, donde partiu um cortejo-manifestação rumo ao parque de Ovar. Empunhando cartazes alusivos à sua luta, os trabalhadores encheram as ruas da vila com várias palavras de ordem: «C. G. T. P. — unidade sindical», «os trabalhadores são a força da nação»,

«Trabalho sim, desemprego não» e outras.

Já no parque e com a presença de cerca de dois mil trabalhadores, iniciou-se um comício-festa, com intervenções de dirigentes dos Sindicatos dos Metalúrgicos e Tapeteiros que destacaram a importância da luta

dos trabalhadores contra os ataques às conquistas de Abril, a coberto do Governo, e a leitura de várias moções de apoio à manifestação.

A festa prolongou-se até cerca das 20 horas com canto livre, em que participou o Coro Popular da Nascente.



DETERMINAÇÃO E LUTA TAMBÉM NAS RUAS DE OVAR

DE
ABRIL
A
MAIO



A título de pausa amena entre os dois banhos de multidão do 25 de Abril e do 1.º de Maio, e gorada a excursão a Santa Comba; houve a escritura da organização co(o ou r)porativa para novas actividades televisivas à revelia e à margem da RTP. Se já temos uma RTP tão mázinha para quê arranjar ainda mais outra? Será masoquismo dos seus promotores, sem dúvida; ou então uma maneira de trazer a côr que a austeridade antes proibiu. Mas se ela viesse toda matizada e nos desse as mesmas imagens que a RTP nos deu a preto e branco das manifestações de Lisboa, do Porto; de Coimbra, de tantas localidades portuguesas, seria bonito de ver.

Fora das nossas fronteiras, enquanto os israelitas formavam cortejos motorizados para abandonar os territórios libaneses, e em Inglaterra se realizava a

maior manifestação anti-fascista do após-guerra, na Europa, sem excepções, o 1.º de Maio era dia de festa, aqui e ali esmaltada por incidentes de maior ou menor vulto provocados por extremistas. Já na chamada America Latina a festa era recatada ou inexistente, salvo em Cuba. No Chile; coerentemente com a última abertura pinochetiana, abriam-se as portas das prisões para a entrada de mais umas tantas ovelhas negras que teimam em não esperar pela democracia oficialmente prometida lá para os fins do século, enquanto que o mandão da Nicaragua promovia as comemorações do Dia Internacional do Trabalho, mas, à cautela, para se precaver do entusiasmo dos seus compatriotas, a elas assistia metido numa jaula de vidro à prova de bala.

2/5/78

Carlos P. Morais

Salazar no Café Ribeiro

No Café Ribeiro, em Nogueira da Regedoura, estavam ali para quem quisesse ver e comparar. Muito bem pendurados numa parede, com uma disposição sugestiva, eram porta-chaves e medalhas com um traço comum: a estigme adunca e agoirenta do já bem enterrado Salazar.

Claro que há a Constituição, a proibição da propaganda fascista, mas o dono do café Ribeiro não se importa. Como, pelos vistos o negócio não o satisfazia, resolveu alargar a gama de produtos. Parece que ainda não acertou desta vez, porque, ao que consta, a clientela para o novo produto não é muita. Mas olhem que o homem é teimoso e é capaz de insistir, se não o avisarem como deve ser.

Finalistas da E. I. C. de Espinho

Realiza-se no próximo sábado, dia 6, no polivalente da Escola Industrial e Comercial de Espinho, o tradicional baile dos finalistas.

OLEIROS em notícias

PARQUE — Será em breve certamente pedida a participação monetária de todos os oleiros para que a freguesia possa adquirir um terreno confinante com o da respectiva Junta no lugar das Joeias, de acordo com deliberação unânime de todos os elementos da Assembleia de Freguesia. Objectivos: salvar uma zona verde; dar saída à rua que, partindo dali, irá passar à escola da Quebrada; possibilitar a construção de um recinto ajardinado e arborizado, onde não faltará um parque infantil. A ser assim, justificar-se-á também unanimidade de apoio de toda a população de Oleiros.

TRANSPORTES — Brevemente também, ao que parece, a zona norte da freguesia (e desta vez, finalmente, serão beneficiados os lugares das Pedras, Fial e Concharrinha) será servida por camionetas da Feirense, que partirão do Pavilhão Gimnodesportivo para Espinho via Maçarico.

XADREZ — Tem já os seus responsáveis a secção de Xadrez da Biblioteca Pública de S. Paio de Oleiros. O início das respectivas actividades será, segundo se espera, assinalado com uma simultânea em que se defrontarão jogadores desta e doutras freguesias vizinhas com um campeão da especialidade, a revelar oportunamente.

NASCENTE - CINECLUBE O CINEMA PORTUGUÊS AQUI

— DE 21 DE ABRIL A 10 DE JUNHO

Programámos para este período 5 sessões com filmes portugueses. Já vimos «ALMADRABA ATUNEIRA» (1961) e «VILARINHO DAS FURNAS» (1969). Veremos «O COSTA DO CASTELO» (1943), «DOMINGO À TARDE» (1965), «O MAL AMADO» (1972), e «RUINAS DO INTERIOR» (1976).

Como CINECLUBE, a nossa função não se limita a passar mais ou menos filmes, para cumprimento rigoroso do programa. Como CINECLUBISTAS, não deveremos limitar o nosso papel ao de meros espectadores de filmes de qualidade.

Para quê programar muitos filmes se não há quem os veja?

Para quê ver bons filmes se a memória não os retém?

Perguntas, apenas duas, das muitas que nos têm feito. A resposta não a daremos nós, os da pro-



O COSTA DO CASTELO, comédia popular com António Silva e Maria Matos, dia 6, Sábado, no SALÃO DA PISCINA, às 9 e meia da noite.

gramação. Esperamo-la de todos quantos vêm no cinema não apenas um ocupador de tempos livres, mas também um instrumento de análise, de reflexão, de intervenção.

Tal como o são os jornais, os livros e os comícios.

PROGRAMA

ABRIL

Dia 21

ALMADRABA ATUNEIRA e VILARINHO DAS FURNAS de António Campos

MAIO

Dia 6

O COSTA DO CASTELO de Artur Duarte

Dia 10

DOMINGO À TARDE de António Macedo

Dia 13

O MAL AMADO de Matos Silva

JUNHO

Dia 10

AS RUINAS DO INTERIOR de José de Sá Caetano



DOMINGO A TARDE, segundo livro homónimo de Fernando Namora, dia 10, quarta-feira, às 9 e meia da noite, no CINEMA S. PEDRO.

STAND SERZEDENSE

António Martins da Silva

Assistência Total

Agente: SACHS SIS — EFS

Tel. 9520675 — SERZEDO

V. N. DE GAIA

Maré Viva

O JORNAL DA REGIÃO

Conselho Municipal em formação

Começaram já as reuniões preparatórias para a formação do Conselho Municipal, segundo calendário por nós publicado na passada semana. Até ao momento ainda não se avançou muito, tendo-se efectuado apenas encontros em que as entidades presentes analisaram o processo prático para chegar à eleição dos vários tipos de organizações previstas na lei. A Cooperativa Nascente participou na reunião das

organizações de carácter cultural, cujo representante será eleito brevemente. Também no encontro das cooperativas que se enquadram nas organizações económicas foi decidido adiar para o dia 12 a decisão definitiva quanto ao representante a eleger, numa reunião a que se espera compareçam todas as cooperativas existentes no concelho.

SOCIEDADE
MALHAS COPILTEK
LDA.
Confecção de Malhas para
Criança e Adulto
Rua 22 n.º 1200
Apartado 76 ESPINHO

FÁBRICA DA BRASILEIRA
Ramiro de Sá Couto, L. da
Caixas de Cartão Canelado
Papéis - Embalagens - Artes Gráficas
Telefone 967101 Apartado 11 S. Paio de Oleiros

CASA LUISA NOGUEIRA
João César da Costa
Depósito de Frutas — Vendas por junto e a retalho
Rua 16 n.º 750 ESPINHO Telef. 920304

S. PAIO DE OLEIROS

«ABRIL SEMPRE» — inscrição que vimos nas ruas e que parece ter sido adoptada como lema pela Biblioteca Pública de S. Paio de Oleiros, quando decidiu promover as comemorações do 25 de Abril em vários dias e com diversas actividades culturais e desportivas, que mereceram inteira adesão da juventude local, a avaliar pelo número e entusiasmo dos participantes.

TEATRO

A cargo do Teatro Popular de Espinho da Cooperativa Nascente. Primeiro, no dia 21, a peça «Um Dia Memorável para o Erudito Sr. Wu», que possibilitou um pequeno debate final com interesse numa terra que não está acostumada a este tipo de teatro.

Depois, no domingo seguinte, era «O Rei com Crista de Galo». Uma sala tão pequena como a da Junta teve de tornar-se elástica para conter o número e a alegria das crianças que

acorreram. O seu comportamento e interesse durante a representação são exemplo a tomar pelo público mais adulto e serão sem dúvida a semente lançada para um bom teatro no amanhã desta terra.

ATLETISMO

Manhã chuvosa, com acessos de raiva, a manhã deste 25 de Abril. Nada adiantou a chuva, porém.

Equipados devidamente, lá estavam, às 9 horas, junto ao Pavilhão, as dezenas de atletas inscritos e não inscritos que, distribuídos por cinco séries, iriam disputar alguns simbólicos prémios, neste caso livros, como seria de esperar de uma Biblioteca.

— Não estou aqui por causa dos prémios. Estou pelo Desporto e para festejar este dia — ouvimos dizer a um atleta de quase 50 anos.

Muitos outros se dispuseram a voltar a correr mais vezes e sem a mira do prémio.

A juventude soube comemorar Abril

— Isto não pode ser obra de fachada — repetia-se.

Eram crianças. Eram jovens dos 15, dos 30, dos 50 anos. Rapazes. Raparigas. Ruas inundadas de água e de atletas. As portas, espreitavam apenas os incrédulos, os facciosos, os caquéticos, os que temem a alegria e a unidade.

Gente de Oleiros, de Nogueira, de Mozelos, de Lourosa.

— Se fosse em Lourosa, isto seria mais bem organizado — afiançava-nos uma senhora adepta da Lourocoop.

— Sem dúvida — concordámos. Para a próxima será ainda melhor. Esta foi a primeira vez.

Foi a primeira vez, mas não será a última. No mesmo dia, ficaria nomeado um grupo dinamizador de atletismo em Oleiros. Não será, portanto, obra de fachada. Quem quer apostar?

FEIRA DO LIVRO

Quando estas notas forem publicadas, ter-se-á realizado, em 29 e 30 de Abril e no 1.º de

Maio, uma mini-Feira do Livro.

Os eventuais compradores e principalmente os sócios da Biblioteca terão beneficiado de substanciais descontos, tão pouco usuais neste tempo de austeridade.

COLABORAÇÃO

Se outro mérito não tivessem tido, as comemorações do Dia da Liberdade, em Oleiros, teriam servido pelo menos para movimentar pessoas e dinamizar vontades e cooperação.

Registe-se a colaboração de: — Junta de Freguesia e Pavilhão Gimnodesportivo, que cederam instalações.

— Teatro Popular de Espinho e Centro Livreiro da Cooperativa Nascente;

— Lourocoop, que enviou uma excelente representação de atletas;

— Bombeiros Voluntários de Lourosa, que estiveram presentes com uma ambulância na movimentação desportiva e que até ofereceram prémios.

GRIJÓ

Ronda de Abril

Com um programa desenvolvido, de carácter desportivo e cultural, foi comemorado com ampla adesão popular o 25 de Abril. Nem o mau tempo conseguiu impedir a concretização do essencial do programa, em que se destacaram provas desportivas para crianças e adultos, de manhã, e, de tarde, a realização em vários salões da freguesia, de actuações da Tuna, representação de peças pelo Grupo de Teatro de Corveiros e do Centro Cultural e ainda a exibição de um filme.

Aliás tudo tinha começado mais cedo, pelas 9 horas, com concentração junto à Junta de Freguesia, hastear da Bandeira Nacional e um pequeno discurso a propósito pelo Presidente da Junta. Pode pois dizer-se que se fez a celebração devida, com a promoção da Junta de Freguesia e o apoio do Grupo Cénico do Salão Paroquial, Tuna Orfeão de Grijó, Centro Cultural de Grijó, Grupo Recreativo Mocidade Corveirense, Grupo Beneficente de Grijó e Associação Desportiva de Grijó.

GUETIM

Um programa a preceito

Em Guetim só mesmo o mau tempo conseguiu ensombrar as comemorações do dia da Liberdade. Por esse motivo, não se puderam realizar os torneios de futebol, porque o campo de jogos estava impraticável.

Pela manhã houve o hastear da Bandeira Nacional com a deposição de uma coroa de cravos na placa da Rua 25 de Abril.

Após várias provas de atletismo houve participação nas comemorações que foram levadas a cabo em Espinho.

A noite, no edifício da Junta de Freguesia encerraram-se as comemorações, com um espectáculo realizado no salão da Junta que foi pequeno para tanta gente que acorreu a ver a peça «A Fonte», pelo Grupo de Teatro do Centro Cultural de Grijó. Actuou também o conjunto local «Pérolas do Norte».

De salientar a presença do Governador Civil de Aveiro, presidente da Câmara de Espinho, presidente da Assembleia Municipal e vários vogais da mesma.

Foi homenageado na altura Jorge Manuel Oliveira Gomes pelo seu trabalho gratuito na feitura das placas dos nomes das ruas de Guetim.

ABRIL NA REGIÃO

Em centenas de localidades de todo o País, Abril esteve presente através de manifestações de todo o género. Na nossa região também o povo soube erguer bem viva a sua confiança numa data que simboliza a esperança e a luta de gerações.

As Juntas de Freguesia apoiaram e promoveram, as colectividades populares emprestaram o seu entusiasmo e capacidade organizativa, as populações foram o entusiasmo e a participação. A afirmação sempre repetida na certeza do futuro.

É preciso avisar toda a gente

Como nota saliente da celebração do 25 de Abril nas freguesias, aponte-se a realização de um cortejo automóvel que, partindo da Câmara de Espinho, percorreu todas as freguesias do concelho, num sinal da satisfação por se poder celebrar colectivamente a data e o que ela representa.

Algumas dezenas de automóveis, transportando cidadãos anónimos e representantes dos poderes locais, fizeram ouvir na manhã chuvosa a voz de quem acredita que Abril é notícia a transmitir, de porta em porta.

PARAMOS

Actividades desportivas

Em Paramos as actividades levadas a efeito foram sobretudo de carácter desportivo, já que um desfile a realizar por várias organizações desportivas e culturais não se chegou a concretizar devido ao mau tempo.

Mas o torneio de futebol correu animadamente, organizado pelas próprias equipas participantes, da Quinta, da Corredoura, do Monte, os Tigres e os Águias. Os Águias saíram vencedores e a entrega da respectiva taça bem como de medalhas a todos os participantes, foi feita na sede da Junta, antes da largada de pombos. Anote-se ainda que a Junta ofereceu as taças e medalhas e o Clube Recreativo colaborou na organização do torneio de futebol, e animou a tarde chuvosa com as canções transmitidas pela instalação sonora que fez colocar.

ANTA

O programa das comemorações em Anta foi variado. Embora em parte prejudicado pelo mau tempo constava de: torneios de futebol, que tiveram o seu início no dia 17; provas de atletismo no dia 23; cortejo festivo que partiria de vários lugares com concentração junto aos Paços do Concelho, no dia 25 à tarde e, ainda no dia 25 pelas 21,30 um concerto, com a Tuna Musical de Anta e o seu Grupo Coral, no Salão Paroquial da freguesia. O cortejo festivo não foi levado a efeito devido ao mau tempo.

A noite no Salão Paroquial houve um concerto musical. Murtíssimo concorrido (segundo um

Participação popular

elemento da Junta estiveram 400/500 pessoas) contou com com a actuação da Tuna Musical de Anta e com o seu Grupo Coral.

Estiveram presentes o Governador Civil de Aveiro e o presidente da Assembleia Municipal que falaram sobre o significado do 25 de Abril na vida das populações, salientando o facto de se dever ao 25 de Abril a possibilidade de um Governador Civil estar ali a dialogar com o Povo, directamente.

Lamentou-se o elemento da Junta que constataram a falta de representantes dos Partidos com lugar na Assembleia Municipal.

... ISTO É IMPORTANTE...

Peça-nos um **CARTÃO DESCONTO** e beneficie do desconto de:

- | | | |
|-------|---|------------------------------------|
| 10° / | o | — ROLOS PARA FOTOGRAFIAS A CORES |
| | | — ROLOS PARA SLIDES |
| | | — POSTERS |
| 15° / | o | — REVELAÇÃO DE FOTOGRAFIAS A CORES |
| | | — REVELAÇÃO DE SLIDES |

RUA 62 N.º 105
TELEF. 922863
ESPINHO

Pinho
fotografia

SILVALDE

Desporto em Abril

A semelhança das outras freguesias do Concelho, as comemorações do 25 de Abril — Dia da Liberdade, em Silvalde, revestiram-se de carácter eminentemente desportivo, com actividades de cultura física repartidas pela freguesia, nomeadamente no Recinto Desportivo Paroquial, em Silvaldinho, e na zona da Marinha.

Assim, enquanto que no Recinto Desportivo se realizou um torneio de futebol de salão em disputa da taça «25 de Abril», (entre outras) conquistada por «Os Leões de Silvalde», na Marinha o futebol de 11 imperou, com a disputa das taças «Dia da

Liberdade» e «Marinha de Silvalde». Registem-se, entretanto, certas deficiências na organização do torneio de futebol de salão, que originaram uma onda de protestos de grupos não convidados para a comemoração, que se pretendia como sendo a nível de todos os clubes da terra: os grupos não convidados acusaram nomeadamente a Junta de Freguesia e o Conselho Desportivo local de «sectarismo oportunista».

Por outro lado, e conforme damos notícia noutro local, a filarmónica silvaldense participou nas comemorações levadas a cabo na sede do município.

A luta dos Metalúrgicos

— «O Sindicato nunca deixou de ser visto como o mais importante instrumento de luta»

A LUTA DESDE 1969

«A partir sobretudo de 1969, apesar da oposição do regime fascista-corporativista, pôde colocar-se em várias direcções sindicais elementos que de facto defendiam os trabalhadores e que nem foi preciso substituir após o 25 de Abril, caso dos metalúrgicos do Porto, Leiria, Braga, Coimbra, etc.

Em Aveiro, essa luta também se desenvolveu e o grande factor de mobilização dos trabalhadores foi a proposta que os metalúrgicos antregaram, a nível nacional, para um contrato colectivo, que devia ter saído em 1970, mas que o Ministério das Corporações, que só representava o patronato, só publicou em 1972.

A luta em torno deste contrato mobilizou milhares de trabalhadores, mesmo no nosso distrito, o que se tornou a dever em grande parte a acção de uma Comissão de Metalúrgicos que então se formou, desenvolvendo nos locais de trabalho o interesse dos trabalhadores pelo contrato, e substituindo assim a direcção do sindicato, que, consciente ou inconscientemente, servia o governo.

Pois conseguiram-se realizar grandes assembleias, com trabalhadores que vinham de todas as zonas do distrito, orientadas para a contestação do corporativismo, apesar da presença regular do delegado ou subdelegado em Aveiro do I. N. T., que iam lá fiscalizar...

Esta luta foi muito importante, pois arrastou outras a nível de empresa. Na Oliva, por exemplo, onde os trabalhadores conseguiram o 13.º mês, que só era dado aos «capangas» do patronato e ao pessoal administrativo.

A COMISSÃO CLANDESTINA E O «PAPEL VERDE»

A Comissão ia trabalhando, semiclandestinamente, e em 1972 transformou-se numa lista que foi chamada de oposição, concorrendo com a do governo às eleições para o sindicato. Foram aliás umas eleições com muitas dificuldades, muitas vezes prometidas pelo delegado do I. N. T., como se fosse ele e não a classe quem devia decidir quando devia haver eleições. Foram marcadas finalmente e as dificuldades não pararam, pois nem sequer nos deixavam consultar os estatutos ou os cadernos eleitorais. Acabámos por perder por 44 votos, depois de uma farsa, com inclusão de nomes no caderno eleitoral no próprio dia das eleições, de outros que já não existiam, etc.

Fizemos muito poucas interrupções ao depoimento de António Silva, dada a sua clareza. Mas aqui perguntámos se a Comissão de Metalúrgicos não seria uma estrutura paralela ao sindicato.

«Era, mas só até certo ponto, pois o seu trabalho era orientado no sentido de chamar os trabalhadores para o sindicato, de modo que vissem no sindicato o seu maior instrumento de luta. Além, a acção da Comissão estendeu-se ao contacto com outros sectores de trabalhadores, nomeadamente os do calçado, que com os metalúrgicos eram os mais activos do distrito e participaram em reuniões outros sectores sindicais, no âmbito da então criada Intersindical. Dessas reuniões passaram a sair informações sobre a vida sindical

no País, entre as quais o célebre «papel verde», intitulado «Que governo?» e que dum dia para o outro inundou todo o País.

Também se estimulavam as comissões de trabalhadores sobretudo nas grandes empresas, que não eram nem reconhecidas nem conhecidas pelo patronato, ao contrário do que acontecia na Cintura Industrial de Lisboa, onde essas comissões se impu-

eram (ver Março de 1974) e o regime ia sendo contestado mais abertamente, pois a princípio muitos trabalhadores não queriam falar de política. Houve trabalhadores presos, libertados só em 26 de Abril, as ameaças eram cada vez maiores, mas, enfim, acabou por chegar o glorioso 25 de Abril, um dia que nunca mais posso esquecer».

Vicivelmente emocionado, An-

eleições, então sim, e na minha opinião, se retomou a linha sindical correcta de defesa dos trabalhadores e apoio ao movimento sindical unitário».

COMISSÕES DE TRABALHADORES E SINDICAIS

Levantámos, para terminar, a questão das atribuições das Comissões de Trabalhadores e Comissões Sindicais dentro das empresas.

«Depois do 25 de Abril, surgiram algumas comissões de trabalhadores apoiadas pelo patronato para combaterem as Comissões Sindicais. Mas essas comissões pouco duraram e vieram a ser substituídas por Comissões de Trabalhadores realmente representativas que vêm desenvolvendo um trabalho muito válido na defesa dos trabalhadores».

A questão da competência é delicada. Julgo que as comissões sindicais devem ocupar-se dos problemas respeitantes ao sindicato a que estão ligadas e que as comissões de trabalhadores de aspectos mais gerais que digam respeito a todos os trabalhadores das empresas. O importante é haver uma definição conjunta de atribuições para se evitarem os choques, o que algumas vezes pode acontecer. Julgo que as Comissões de Trabalhadores são importantes e que seria ideal que tomassem a forma de comissões intersindicais. Esta é a minha opinião, mas acho sobretudo que compete aos trabalhadores de cada empresa decidir pela discussão aberta das melhores formas de defenderem os seus interesses».



nam aos patrões. Aqui a luta não estava tão avançada, mas mesmo assim foi possível organizar os trabalhadores dentro das empresas, como se provou na Oliva quando se constou o meu despedimento que não se veio a verificar.

O REGIME CONTESTADO E... ABRIL

Mas a luta não parou aí. As assembleias iam-se realizando, apesar das dificuldades (houve até uma que conseguimos prolongar de Dezembro de 1973

tónio Silva passou a falar-nos do que então se passou no Sindicato dos Metalúrgicos de Aveiro:

«No dia 29, convocou-se uma assembleia geral, excepcionalmente concorrida, e que levou à destituição da direcção. Uma semana depois, foi eleita uma Comissão Directiva Provisória, que asseguraria a gestão do Sindicato até haver eleições. As eleições foram sendo adiadas pela própria classe em assembleias gerais até que, saída a legislação sobre o Trabalho, se vieram a fazer em Junho de 1975. Mas só com as últimas

PAPÉIS VOUGA

REAFIRMA CONFIANÇA NA C. T.

Os trabalhadores da Papéis Vouga, de S. Paio de Oleiros, reafirmaram, com uma votação maciça, a sua confiança na acção da Comissão de Trabalhadores que, em íntima colaboração com a Comissão Administrativa nomeada pelo Governo em 1976, tem vindo a recuperar a empresa dos efeitos desastrosos da sabotagem levada a cabo pelo ex-patrão.

Os 228 votos atribuídos à lista proposta pela C. T. cessava funções (com apenas

79 nulos e 21 abstenções) exprimem vigorosamente o desejo dos trabalhadores de que, face à iminente desintervenção, a Papéis Vouga seja integrada no sector público, única solução que poderá ter em conta a viabilidade económica da empresa e as aspirações dos seus trabalhadores.

Veja-se, a este propósito, o comunicado emitido pela Comissão de Trabalhadores empossada:

A Lista «A» afecta ao Partido Socialista venceu as eleições pela 5.ª vez consecutiva, tendo a maior parte dos elementos da anterior C. T. feito parte da nova lista agora eleita.

Sem oposição de qualquer outra lista, que se desejava, porque benéfica para o reforço da democracia nas empresas, a participação dos trabalhadores foi maciça, rondando os 94%, colhendo a Comissão de Trabalhadores cerca de 80% dos votos.

Esta eleição tem que ser considerada altamente significativa, porque acontece na fase em que se avizinha a desintervenção da empresa e esta contundente vitória tem que ser vista como um reforço importante das teses e orientações defendidas pelas anteriores comissões, cuja maioria dos seus membros têm sido sucessivamente reeleitos.

As eleições decorreram durante a hora de trabalho, com perfeita normalidade.

A Comissão de Trabalhadores tomou posse logo que foram conhecidos os resultados, e sancionados pela Comissão eleitoral.

S. PAIO DE OLEIROS, 18 - ABRIL - 1978

COMISSÃO DE TRABALHADORES DA SOCIEDADE TRANSFORMADORA DE PAPÉIS VOUGA, LDA.

AO ESTILO DOS ROMANCES, SEM DIREITO AO TRABALHO

A pretexto da falsa acusação de «injúrias a colegas de trabalho», que uma «menina» cujo conceito de amor não ultrapassa o egoísmo, lhe lançou junto da gerência, um trabalhador têxtil (mais um) foi pura e simplesmente despedido da firma Tapeçarias Ferreira de Sá, onde laborava desde os 14 anos de idade.

O trabalhador em questão, Manuel da Silva Carvalho, de 18 anos, havia casado há pouco tempo, pelo que a efectivação desse despedimento vai agravar sobremaneira a situação do jovem casal, o que — saliente-se — parecia ser o objectivo da tal «menina», muito «ofendida» com o rompimento, por parte do Manuel, do namoro de cerca de 15 meses, anterior ao conhecimento da actual esposa. Segundo apurámos, o seu despedimento agradaria também à administração da empresa, não muito interessada em «indivíduos que constantemente criam complicações».

O Manuel não considera, entretanto, o caso encerrado e o seu depoimento para o «Maré Viva» é um dos muitos passos da luta que ele empreende já contra o injustificado e «mal-cozinhado» despedimento de que foi vítima.

Talho e Charcutaria CENTRAL

Servir bem — Boas carnes

Rua 15 n.º 265 - ESPINHO

Escritórios de Aveiro MENOS «CARTA ABERTA»

As recentes eleições para os Corpos Gerentes do Sindicato dos Trabalhadores de Escritório e Comércio do Distrito de Aveiro deram de novo a vitória à lista afecta à «Carta Aberta», de que 50% dos elementos já pertenciam à anterior direcção.

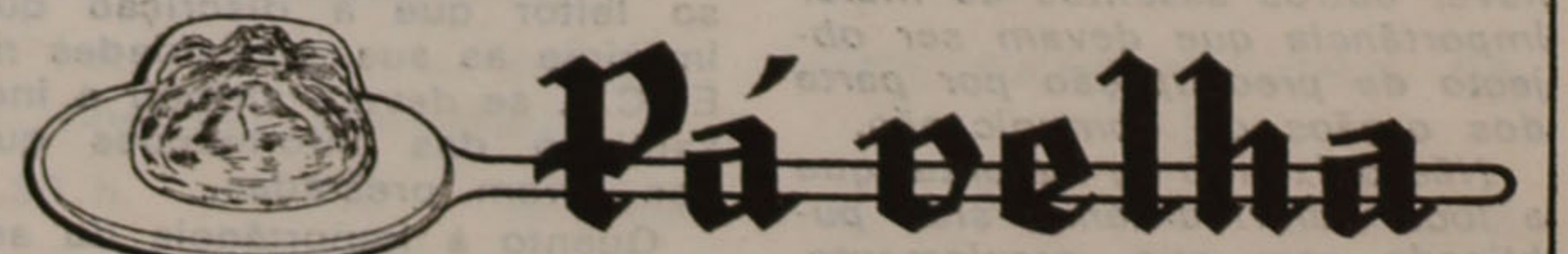
Não foi uma surpresa, já que as eleições dos dois últimos anos haviam dado vitórias folgadas às linhas sindicais direitistas, também porque se trata dum sector de «serviços» onde a integração dos trabalhadores no movimento sindical unitário se tem mostrado mais difícil do que nos sectores operários, e ainda porque, contrariamente ao usual, apenas foi apresentada uma lista que pudesse recolher os votos da direita, subscrita pelo P.S. e apoiada pelo P.P.D. e C.D.S..

Surpresa, ou talvez nem tanto, foi a escassa margem que derrotou a lista unitária o que

se acabou por reflectir numa diferença de cerca de cem votos em 1800 votantes. Quer isto dizer que se a direita se tivesse dado ao luxo de se dividir em duas listas (como o fez o ano passado), teríamos à frente dos Escritórios uma lista unitária. Foi na verdade um avanço muito significativo do movimento sindical unitário e tudo leva a crer que, nas próximas eleições, já nem a união da direita consiga manter neste sindicato a sua linha divisionista.

O que é certo é que o Sindicato continua a estar nas mesmas mãos e com uma novidade: a anunciada adesão à «Federação Nacional dos Serviços», o último grito nas tentativas sempre frustradas de divisão dos trabalhadores.

Mais uma a juntar à «Carta Aberta», à C.D.T. e quejandos. Aqueles que ninguém viu no 1.º de Maio.



Confeitaria * Charcutaria

Especializada em saladinhas - raivinhas - fogaças (fabrico diário)

Angulo das ruas 23 e 20 - Tel. 922514 - ESPINHO

FUTEBOL

SENIORES

Setúbal, 1 - Espinho, 1

JUVENIS

Espinho, 2 - Leixões, 2

Ponham o Académico na lista!

Não fomos a Setúbal, mas, pelo que lemos e ouvimos, aquilo não podia ter corrido melhor. Sofrer um golo, andar ali na expectativa, marcar depois por Mória e aguentar. Mas com cabeceira, um pouco no jeito, pensamos, de como se defendeu o 1-0 aqui contra o Braga.

E foi assim que, depois de um sábado de mau prenúncio, (a vitória do Riopele sobre o Belenenses), no domingo tudo correu bem. O Portimonense perdeu, o Marítimo já tinha perdido e, ainda melhor, o Estoril perdeu também e... em casa.

E isto de perder em casa é importante. Na prática equivale a dizer que o Espinho ganhou um ponto ao Riopele, ao Marítimo, ao Portimonense e três ao Estoril. Explicando melhor para os menos habituados a estas contas: sobretudo para os clubes menos bem classificados, é geralmente mais realista considerar-se a pontuação negativa e positiva em vez da pontuação real. Pontos perdidos em casa são negativos e ganhos fora positivos.

A situação passou a ser a seguinte:

— o FEIRENSE (12 jogos em casa) tem 12 pontos, menos 12 do que os 24 que deveria ter: 12 pontos negativos. Está arumado.

— o MARÍTIMO (12 jogos em casa) tem 16 pontos. Tem 8 negativos, os mesmos que tinha, pois perdeu fora.

— o PORTIMONENSE está igualzinho ao Marítimo: 8 negativos.

— o ESTORIL (12 jogos em casa) tinha só 5 negativos. Com a derrota em casa manteve os 17 pontos e passou a ter 7 negativos.

— o RIOPELE (12 jogos em casa) ganhou em casa e não mudou a sua pontuação: 6 negativos para agora 18 pontos.

— o ESPINHO (12 jogos em casa) tinha sete negativos. Com o empate fora passou para 6 negativos, com 18 pontos também.

Mas nesta classificação há uma novidade: é que o ACADÉMICO tem 13 jogos em casa e 21 pontos. Logo 26 menos 21 dá 5 negativos. Está um pouco melhor, mas tem de receber o Porto, o em que equivale provavelmente a passar para 7 negativos. Não há dúvidas: é preciso pôr o Académico na lista.

Também o Portimonense recebe o Porto, o Riopele o Benfica, enquanto que o Espinho tem o Estoril (já no domingo), o Feirense e o Sporting que é o único osso. Pelo menos parece.

Afinal a coisa já não está tão má.

JUVENIS

JÁ FIZERAM BONITO

Com o empate frente ao Leixões, guia da série, foram-se as remotas hipóteses de continuação na Taça Nacional de Juvenis. O jogo podia ter sido melhor, não fora a total incapacidade do árbitro para dirigir uma partida tão competitiva. De qualquer modo, e perante um adversário que será provavelmente o finalista do Norte, os espinhenses portaram-se bem logo que se acalmaram, recuperaram desvantagem por duas vezes e podiam até ter vencido o jogo.

ATLETISMO NO 25 DE ABRIL

A FESTA ESTEVE NA RUA

Indiferentes ao frio e à chuva incessante que fustigaram o Dia da Liberdade, oito centenas de homens e mulheres de todas as idades animaram as ruas da cidade com a sua alegria de correr, entregando as suas energias à comemoração daquele dia de festa. E dia de festa não só porque se tratava

do 25 de Abril, mas também porque se encerrava o ciclo de comemorações do 21.º aniversário do Clube Académico de Espinho. A Comissão das Comemorações do 25 de Abril integrou as provas no seu programa e o Académico organizou. Com sucesso, diga-se. Tendo a seu favor a boa vontade de colaborar de todos os concorrentes e contra a intempérie, a organização foi um êxito e tornou possível um dos aspectos mais positivos das comemorações do Dia da Liberdade.

Correram quarenta equi-

pas, muitos individuais, em seniores e juniores, veteranos, femininos juniores, infantis e, claro, houve uns que chegaram à frente de outros. Ganharam os mais habituados àquelas andanças, integrados em associações que têm a sua equipa e os seus treinos, mas não terá sido isso o mais importante.

Importante foi com certeza o são convívio que se estabeleceu e o facto de serem estudantes e trabalhadores a grande maioria dos concorrentes. Provando que Abril continua, aqui, no Desporto.

«SE FOSSEM 10.000...»

No final da prova para veteranos, vimo-lo não muito cansado e com o ar de quem acabava de fazer algo que lhe tinha agradado em cheio. Demos connosco a pensar, encavacados, que bem podíamos ter corrido também, a exemplo daquele concorrente que parecia desafiar a idade. E foi a primeira pergunta que lhe fizemos:

— Ah, pois é, já cá conto uns bons 60 anos. Mas olhe que nem dei muito por isso, e se fiquei só em 10.º (no meio de cerca de 30) foi porque se tratou de uma prova curta para mim. Nos 10.000 metros é que eu os queria ver. Assim nem deu para aquecer.

E continuou o senhor Francisco Tavares, pelos vistos o atleta mais velho de quantos além da idade ainda tiveram coragem para desafiar a chuva:

— Sabe eu sou de Ovar, mas vim cá correr porque gosto disto e para colaborar com a rapaziada. E não estou nada arrependido que a organização também foi jeitosa. Se não fosse a prova ser só de 5.000 metros...

E lá se afastou ligeiro, pelos vistos capaz de repetir a façanha logo a seguir. O reporter é que sentiu um arrepiamento quando a chuva caiu mais forte, mas fez peito... e foi assistir, debaixo do guarda-chuva, à chegada dos restantes.



VOLEIBOL

CAMPEONATO NACIONAL DA 1.ª DIVISÃO

Porto, 3 — S. C. E., 0
(16-14, 18-16, 15-11)

No passado domingo, no pavilhão das Antas com bastante público, o S. C. E., que este ano tem tido um comportamento nos seniores a não deixar saudades, quase pregava a partida ao actual-futuro (?) campeão nacional. E tal não aconteceu apenas porque os jogadores do S. C. E. não têm o espírito de equipa necessário não só para vencer jogos, mas principalmente para os vencer em situações de equilíbrio, quando, mais do que nunca, tem de haver uma verdadeira unidade, no seio da equipa.

Saliente-se finalmente o apuramento das equipas masculinas e feminina de juniores do S.C.E. para as fases finais dos respectivos nacionais que terão início já no próximo fim de semana.

PRÓXIMOS JOGOS

Sábado
15,30 h. — S.C.E. — Porto
(Juniors Masculinos)

17 h. — S.C.E. — Fluvial
(Juniors Femininos)

21,30 h. — S.C.E. — Benfica
(Seniores)

Domingo

18 h. — S.C.E. — L. Gin.
(Seniores)

HÓQUEI EM PATINS

Com os seniores afastados do Nacional e os juniores a caminho disso restam as classes mais miúdas. Os infantis prosseguem em 2.º lugar numa boa carreira e os iniciados, com Victor Hugo, Sousa e C.º, continuam a «exagerar». As goleadas sucedem-se e nem o Porto, que também só levava vitórias, escapou a um rotundo 6-1, ali mesmo, nas Antas. Vão ver estas duas equipas no domingo de manhã, no pavilhão da A. A. E.. Vale a pena.

HÓQUEI EM CAMPO

1.ª CATEGORIAS

Lousada, 2 — A. A. E., 1
Vigorosa, 2 — A. A. E., 2

RESERVAS

Lousada, 1 — A. A. E., 2
Vigorosa, 3 — A. A. E., 7

VIDELA JOGA NO MUNDIAL

Daqui a um mês vai haver Campeonato do Mundo de Futebol. Os adeptos da bola esperam com ansiedade, sobretudo porque vão poder assistir pela T. V. a um espectáculo desportivo do mais alto nível e ainda por cima na tranquilidade de um sofá. E nem todos ligarão muito ao facto dos jogos serem na Argentina desde que a transmissão seja de qualidade e o jogo interessante.

Pois é isso mesmo que o torcionário Videla deseja. Que o futebol dê uma imagem agradável do país e faça esquecer os crimes do seu regime, os milhares de democratas assassinados, torturados, presos ou «desaparecidos».

E nisso que o ditador argentino aposta e não olha a meios: setecentos milhões de dólares para uma organização prevista para onze milhões, contratação de uma empresa americana de publicidade, convites distribuídos apenas a jornalistas reaccionários e ameaças veladas aos outros que lá vão — «Não haverá represálias contra jornalistas estrangeiros, desde que sejam objectivos e respeitem as leis». O azar de Videla é não poder dar a imagem bonita dos seus

estádios com as fronteiras fechadas. E aí estão as precauções. Aos visitantes serão cumuladas todas as atenções preparadas pela tal agência de publicidade e chega-se ao requinte de controlar a identidade de todos os espectadores que entrem para assistir aos jogos.

Só que os passos lhe podem ser trocados. Não só pela opinião pública internacional que em Itália, França, Inglaterra e Suécia já começou a tomar posições, mas também pela resistência argentina que, prometendo não recorrer a meios violentos, tenciona aproveitar ela própria o Mundial para mostrar ao mundo o que é aquele regime

e os seus crimes, o que é a vida na Argentina com uma inflação de 170% e três quartos da população nos limites últimos da subsistência.

O Mundial é um pau de dois bicos, em que os fascistas apostam, mas de que os resistentes podem tirar dividendos, se puderem contar, como esperamos, com os jornalistas que lá não vão olhar só para a bola e os cabarets que lhes prepararam.

Claro que, lá, como cá, não faltará quem diga que não se deve misturar política com desporto. Pois bem. Que preparem o copo de uísque, calcem as pantufas e não percam o mais pequeno lance. O Videla agradece.



PNEUS CAR

Centro de Vendas de Pneus Nacionais e Estrangeiros

Assistência Técnica

- Alinhamento de Direcções
- Vulcanização de Câmaras
- Equilíbrio de Rodas

Rua 18 n.º 1010 — ESPINHO

TEL. 923266

ANDEBOL

CAMPEONATO NACIONAL DA DIVISÃO

S. C. E., 19 — A. Coimbra, 13

Terminada a 1.ª volta do nacional, estando os espinhenses na primeira posição, com meio caminho andado para a almejada promoção.

MARTE VIVA

SOLENIIDADES E CHUVA

A chuva continuava a cair insistentemente, o vento fustigava, as condições climatéricas tentavam boicotar as comemorações de Abril. Mesmo assim dezenas de guarda-chuvas quedavam-se nos Paços do Concelho para presenciar a cerimónia além dos muitos que se conseguiram abrigar no edifício da Câmara. Cravos ao peito, pés molhados. Os Bombeiros Voluntários resistiam e cumpriam a sua missão. A Bandeira Nacional é hasteada pelo Presidente da Câmara, Artur Bártolo.

O presidente da Assembleia Municipal e deputado à Assembleia da República, Avelino Zenha, usa da palavra. Para relembrar 25 de Abril de 1974, para recordar o acto heróico dos capitães que abre as portas à Democracia, que liberta o povo da opressão, da violência, que destrói os monopólios e os latifúndios, que restitui a liberdade. Liberdade que, passados quatro anos, continua viva, apesar das

sucessivas tentativas de retrocesso que a reacção pláncia, executa. A Democracia institucionaliza-se e terá que resistir, que prosseguir pois é essa a vontade do povo português.

A chuva continuava a cair, o vento a soprar, mas as pessoas não cedem, impávidas, celebrando o dia da liberdade, esperando uma sociedade melhor.

O QUE HOUE E O QUE FALTOU

A tarde estava previsto um programa de «variedades» para o parque João de Deus, que seria antecedido por um desfile ao longo de algumas ruas da cidade e em que se incorporariam também representantes das freguesias do concelho. Porém a chuva veio impedir a realização do programa tal como estava estabelecido, o que nem sabemos se foi um bem ou um mal, dado o cuidado reduzido com que estava a ser

organizado.

Assim, não houve o desfile previsto e as «variedades» acabaram por ser transferidas para o salão da Piscina, onde muita gente se juntou e bastante se sentiu ludibriada com o que lhe foi dado a assistir. De facto não parece poder dizer-se que Abril tenha estado presente através do conjunto «pop» que logo de início indispsôs toda a gente ao atacar algumas das suas sonoridades próprias para baile de

«teenagers». É claro que ficaram sem resposta muitas perguntas sobre a falta da música de Abril, em disco pelo menos. A Banda de Silvalde foi, ainda, um momento de certa vivacidade e a presença de uma colectividade popular, mas apenas para uma breve actuação e, sentia-se, só para encher programa. Um grupo de danças formado por alunos do Liceu actuou também marcando presença agradável e simbólica de uma geração mais nova que entende Abril como seu.

Porém, o único momento que cheirou verdadeiramente a Abril no entender de muitos presentes, foi a participação do Coro Popular de Espinho, que conseguiu pôr parte das pessoas a acompanhar algumas das canções que vieram das muitas lutas do passado e foram semente e terra dos dias presentes. Cantar a Grândola em coro terá sido o momento em que mais se sentiu, pelo contraste com o resto, que não era aquela a festa de Abril que era devida, mas não havia muito mais a fazer.

No decorrer da sessão estiveram também presentes, aplaudidos pela assistência, o Governador Civil de Aveiro, o presidente da Câmara e o presidente da Assembleia Municipal, que percorreram aliás várias das manifestações organizadas no concelho.

ABRIL, ABRIL

NÃO A CHUVA

A chuva fez questão de cair durante todo o dia, para grande satisfação daqueles que esperavam a desmobilização e o desinteresse das populações por causa do mau tempo. Também aqui se enganaram. Se é certo que por causa disso houve quem não pudesse participar como seria sua intenção e foi impossível concretizar todos os pontos dos programas elaborados, nem por isso as pessoas deixaram de com a sua

presença dar a nota de festividade popular que para sempre está ligada ao 25 de Abril.

OS BALNEARIOS NA CÂMARA

As provas de atletismo, centradas ao cimo da rua 19, junto aos correios, tiveram que se adaptar ao estado do tempo. Daí que se assistisse a algumas cenas mais interessantes do dia, com dezenas de atletas a fazerem longos minutos de aqueci-

continuação da página 1

mento, esperando a sua vez, correndo em volta do pequeno redondo ajardinado frente à Câmara, para espanto e inveja dos muitos guarda-chuvas e casacos de inverno presentes. O próprio edifício da Câmara viu-se, de um momento para o outro, transformado em balneários, com imensa gente entrando e saindo, atletas equipando-se e desequipando-se, numa alegre e comunicativa confusão a que aquelas paredes não estarão, por certo, muito habituadas.

A PRETO E BRANCO

O MAU GOSTO

O mínimo que se pode dizer é que a R. T. P. não anda com sorte. Por exemplo, no Festival da Eurovisão, onde o azar a perseguiu, como quase sempre sucede às equipas portuguesas quando jogam futebol lá fora. Azar em recolher cinco votos em 228 possíveis. Azar em ter mandado lá uma canção bem papagueada e que, «agora sim, era mesmo uma canção própria para festival» e, afinal, apareceram lá outras dezasseis, melhor papagueadas e ainda mais festivas. Azar ainda em ter actuado depois da Itália e antes da França, prejudicando assim fortemente a votação, que teria sido muito diferente se antes tivesse vindo a França e depois a Itália. Azar ainda por ninguém por essa Europa fora se ter apercebido do elevado conteúdo da expressão «Dai-li-Dou».

Mas, como se costuma dizer, um azar nunca vem só. E logo três dias depois foi buscar à prateleira o filme «Pátio das Cantigas», por mão dum seu funcionário que tinha feito uma aposta de que aquele filme havia de passar cinquenta vezes na R. T. P. sem se estragar. Uma fita engraçada, onde por acaso aparece um letreiro sobre o «Salazar - protector - das - crianças». E ninguém podia levar a mal. Só que, azar dos azares, aquele dia havia de ser logo o dia 25 de Abril!

Azar ou mau gosto, chamem-lhe como quiserem, mas talvez nesta do «Pátio das Cantigas» não seja de provocar a hipótese: provocação.

O LICEU ENTRE SALAZAR E ABRIL

Foi tema obrigatório de muitas conversas, os jornais nacionais também pegaram no assunto, e durante uns dias o liceu de Espinho ganhou foros de grande sensação: na noite de 24 para 25 de Abril desconhecidos pintaram nas paredes daquele estabelecimento de ensi-

no um grande número de frases de propaganda a «personagens» e ideias fascistas — Salazar, Hitler, K. Arriaga, juventude salazarista, Mirn, tudo isto bem condimentado com umas quantas cruces gamadas e um ou outro apelo de «morte aos comunistas».

Muitas coisas são já de conhecimento público e a estranheza até nem terá sido muita, se recordarmos que o liceu Dr. Manuel Laranjeira tem sido regularmente palco de acções do género, como desenvolvimentos documentários meses atrás. É importante começar por referir que este atentado não surgiu isolado, mas sim na sequência de uma série de atitudes que se vinham avolumando no liceu, desde a tentativa de afixar cartazes com conteúdo reaccionário e fascizante, até à distribuição mais ou menos descarada e claramente provocatória de autocolantes com o símbolo nazi, não esquecendo as destruições de cartazes de conteúdo progressista.

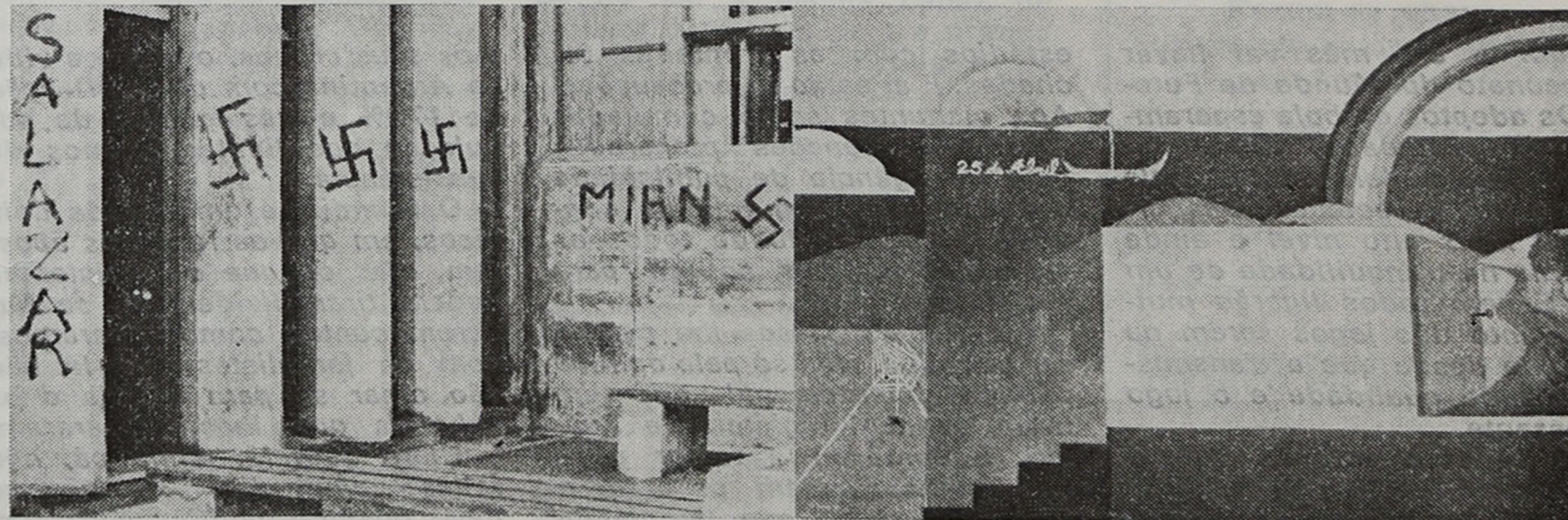
E aqui surge a pergunta inevitável e, talvez, um pouco incrível: mas quem é que faz isto, como é isto possível? Porém, bastará lembrar a crescente agitação, a nível nacional, das forças neo-fascistas e outras, em geral interessadas na derrocada do regime democrático e constitucional, para se ver claramente que o que se tem passado no liceu é mais um reflexo desta situação geral.

Mas convém desde já, delimitar o alcance desses actos, referindo que, na generalidade, quem no liceu apoia este tipo de acções são estudantes que têm como intenção central criar a confusão e chamar assim a atenção para as suas pobres pessoas. São indivíduos que nos estudos não têm resultados que se vejam, são jovens que procuram assumir atitudes fáceis

de contestação, por vezes pela violência, são estudantes que não encontram as sensações desejadas na vida sempre igual e desinteressante da escola que frequentam, e se viram para tudo o que apareça que possa trazer algo de diferente a uma casa em

que se diz abertamente anti-25 de Abril levar a cabo acções de acordo com essa sua posição cuspidando em cartazes de conteúdo progressista, queimando outros e pretendendo insistentemente afixar alguns de evocação e elogio a Salazar? Ou,

o que era preciso era fazer voltar o Caetano. Ou, ainda, que alguns professores e encarregados de educação ligados à Associação de Pais contestem a existência do painel ao 25 de Abril. (isto porque, por coincidência, estava prevista para o



NUM LADO O PASSADO E O ÓDIO, NOUTRO O FUTURO E A ESPERANÇA

que não conseguem ver mais do que um dos muitos locais por onde arrastam a chatice dum dia-a-dia feito de cigarro atrás cigarro e meia dúzia de patacoadas sobre qualquer tema fácil.

Entretanto, com esta descrição não se pretende esquecer a existência de alguns «sinceramente» interessados na criação de um ambiente contrário ao espírito de 25 de Abril, e dispostos a fazer o necessário para impor no liceu uma situação que favoreça os seus objectivos. De facto, que pode haver de mais «natural» do que um estudante

a outro nível, que uma empregada do liceu, interrogada por uma aluna sobre o significado das pichagens responda que o que está mal é falarem no Salazar que, coitado, já morreu,

dia 24 a pintura do referido painel, o que veio a ser feito por professores e alunos).

No meio de tudo isto, as estruturas representativas do liceu têm permanecido numa ati-

continua na página



PORTE PAGO